



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPOS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LETRAS INGLÊS

BEATRIZ LOURDES DA SILVA SANTOS

IMPERIALIDADE E SUBJUGAÇÃO?
PROBLEMATIZANDO A DECOLONIALIDADE NA OBRA *THE TEMPEST*
WILLIAM SHAKESPEARE

ARAGUAÍNA-TO
2019

BEATRIZ LOURDES DA SILVA SANTOS

IMPERIALIDADE E SUBJUGAÇÃO?

PROBLEMATIZANDO A DECOLONIALIDADE NA OBRA *THE TEMPEST*

WILLIAM SHAKESPEARE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal do Tocantins (UFT) como
requisito para a conclusão do curso de Letras.

Orientadora: Prof^a Ma. Naiana Siqueira Galvão.

ARAGUAÍNA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D229i Da Silva Santos, Beatriz Lourdes.
IMPERIALIDADE E SUBJUGAÇÃO? : PROBLEMATIZANDO A
DECOLONIALIDADE NA OBRA THE TEMPEST WILLIAM
SHAKESPEARE . / Beatriz Lourdes Da Silva Santos. – Araguaína, TO, 2019.
31 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Inglês, 2019.

Orientador: Naiana Siqueira Galvão

1. Decolonial. 2. Pensamentos. 3. Imperialidade. 4. Língua. I. Título

CDD 420

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

BEATRIZ LOURDES DA SILVA SANTOS

IMPERIALIDADE E SUBJUGAÇÃO?
PROBLEMATIZANDO A DECOLONIALIDADE NA OBRA *THE TEMPEST*
WILLIAM SHAKESPEARE

Trabalho de Curso de Conclusão apresentado na
Universidade Federal do Tocantins (UFT) como
requisito para a conclusão do curso de Letras.

Orientadora: Prof^a Ma. Naiana Siqueira Galvão.

Data de aprovação 19/06/2019

Banca examinadora:

Lianja Soares Aquino

Prof^a Ma. Lianja Soares Aquino (Examinadora- UFT)

Maria Eleuda Carvalho

Prof^a Dra. Maria Eleuda Carvalho (Examinadora-UFT)

Naiana Siqueira Galvão

Prof^a Ma. Naiana Siqueira Galvão (Orientadora- UFT)

Dedico este trabalho aos meus pais
Cláudia Conceição S. Santos e
Euzébio Alves dos S. Filho
por sempre acreditarem em mim
e estarem ao meu lado.

*“Um povo que não reflete sobre a própria
história arisca-se a perder a identidade”*

Joaquim Vieira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por tudo o que tem feito em minha vida. Agradeço pelo seu zelo, paciência e amor para comigo. Agradeço porque ele é um bom Pai e Ele é perfeito em tudo o que faz. O seu leal amor me constrange e me molda dia após dia e como poderia me esquecer da sua graça e misericórdia? Não, não, jamais me esquecerei de quem Tu és para mim, pois o teu amor me conquistou e eu estou presa no seu amor.

Em segundo lugar, agradeço a minha querida mãe Cláudia Conceição Souza da Silva e meu querido pai Euzébio Alves dos Santos Filho por sempre estarem ao meu lado nos momentos bons e difíceis da vida acadêmica e pessoal, vocês são minha base, meu alicerce, amo vocês mil milhões.

Agradeço também a todos os professores que contribuíram diretamente e indiretamente para o meu crescimento profissional, sem vocês não poderia chegar onde estou e para onde pretendo chegar.

E por fim, não poderia deixar de agradecer aquela que, desde o primeiro dia de aula na universidade, me ajudou e me orientou durante a jornada acadêmica. Agradeço à Professora, minha orientadora, Naiana Siqueira Galvão pelo tempo depositado nas pesquisas, pelos seus conselhos, suas experiências compartilhadas e pelos seus direcionamentos na construção dessa monografia que sem suas orientações seria muito difícil o árduo caminho da escrita: *you are the best.*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar perspectivas decoloniais presentes nos pensamentos e discursos do personagem Caliban na obra *The Tempest* de William Shakespeare (1611). O aporte teórico empregado com base na teoria do giro decolonial criado por Quijano (2013) e Mignolo (2006). O trabalho corresponde em uma abordagem qualitativa de cunho bibliográfico permeado pelo viés de análise literária da peça sustentada pelos estudos decoloniais. A problematização circunscreve-se nas formas de hierarquização de poder engendradas pela figura colonizadora de Próspero subjacentes ao povo da ilha. Diante das análises, identificamos que o sujeito colocado como o subalterno – nativo – pelo dominador – Próspero – não está à mercê e passividade de aceitação dos processos da colonização. Pelo contrário, o nativo representado por Caliban subverte a imperialidade quando busca formas de aprender e manipular a língua do seu opressor.

Palavras-Chaves: Decolonial, Pensamentos, Imperialidade, Língua.

ABSTRACT

This research has as goal analyze decolonial perspectives which are presents in the thoughts and speeches Caliban's character in the play *The Tempest* by William Shakespeare (1611). This work corresponds to qualitative approach of a bibliographic sphere, permeated by the bias of literary analysis of the play sustained by the decolonial studies. The problematization, circumscribes in the forms of hierarchization of power meshed by the colonizing the figure of Prospero underlying the people of the island. In front of analyses, we identify that the subject posted as the sulbatern – native – by the ruler – Propero – it is not at the mercy and passivity of acceptance of the colonizations' processes. On the contrary the native represented by Caliban subvert the imperialism when it seeks forms of learning and manipulating the language of your oppressor.

Keywords: Decolonial, Thoughts, Imperialism, Language.

LISTA DE SIGLAS-ABREVIATURAS

L.I- Língua Inglesa

L.P- Língua Portuguesa

XVI- Século dezesseis

XIX- Século dezenove

XX- Século vinte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 IMPERIALISMO INGLÊS: REFLEÇÕES SOBRE LÍNGUA, CULTURA E LITERATURA	12
2 CONHECENDO O PERCURSO DA PESQUISA	17
3- <i>THE GREAT TURN</i> : (RE) VIRAVOLTAS DE CALIBAN	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Ainda em transição, o pós- colonialismo estuda e busca compreender a identidade ‘recém-adquirida’ pelos povos colonizados e descobrir os valores dessa ‘nova identidade’ imposta pelos europeus. No entanto, há correntes de estudos sociais que se preocupam com as formas de discursos ocidentalistas circulantes no mundo. Instituíram o grupo Modernidade/Colonialidade e com isso a teoria do Giro Decolonial passou a ser fomentada pelos pesquisadores da América do Sul como mecanismo de contrapor uma única corrente científica no mundo, o Ocidente. Este trabalho tem como objetivo analisar os pensamentos, os discursos e as atitudes decoloniais presentes no personagem ‘Caliban’ na obra *A Tempestade*¹ (1610) de William Shakespeare² (1564-1616). Tal assunto sobre decolonizar o pensamento e o ser, traz a problematização das formas de hierarquização de poder na qual houve a negação do direito e a perda da cultura do habitante da ilha, Caliban.

O interesse sobre o tema surgiu nas aulas de Literatura Americana que abordaram fatos históricos decorridos dos processos de colonização, formação da civilização e teórica decolonial sendo importante compreender a necessidade de analisar estes aspectos que contribui para percebermos que é imprescindível emancipar decolonialmente nossas mentes.

O trabalho apresenta, alguns teóricos que norteiam as reflexões sobre a peça de William Shakespeare, a priori nas reflexões do filósofo Aníbal Quijano (2013) que traz conceitos e desdobramentos sobre os trabalhos do grupo *Coloniedad/Modernidad/Decoloniedad*. Neste mesmo campo de discussão temos Walter Mignolo (2006) e Memmi (1977).

A pesquisa é baseada no estudo qualitativo de cunho bibliográfico. Conforme Chizzotti (1998, p.83) a pesquisa qualitativa permite “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, isso porque “o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado” ou seja esta relação que é traçada pelo mundo e o sujeito que concerne à parte subjetiva do problema a ser investigado. Logo a pesquisa

¹ SHAKESPEARE W. *A Tempestade* (1623) Ed. Ridendo Castigat Mores (2002) e a versão original inglesa *The Tempest* (1669) foram lidas e estudadas para realizar esta pesquisa.

² William Shakespeare nasceu em 26 abril de 1564 e faleceu em 23 de abril de 1616. É amplamente considerado um dos maiores escritores e dramaturgo da Língua Inglesa cujo escreveu não apenas tragédias, mas também romance, poesia e comédia.

qualitativa é capaz de identificar e analisar dados que não podem ser mensurados numericamente.

Para Gil (2002, p. 44) a pesquisa bibliográfica consiste em reunir informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta a partir do tema escolhido.

O primeiro capítulo intitulado, **O Imperialismo Inglês: Certas reflexões sobre língua, cultura e literatura**, na perspectiva de Edward Said (1995), Homi Bhabha (1998) e Rajagopalan (2005) que exploram a situação do sujeito ‘dominado’ pela língua imperialista inglesa; O segundo capítulo aborda **os procedimentos metodológicos** utilizados para estruturar a pesquisa, e o último, ***The great turned: (re)viravoltas de Caliban***, utiliza a obra (*The Tempest 1669*) dando enfoque nas argumentações dos personagens Caliban e Próspero analisando os pensamentos decoloniais do sujeito que até então se encontrava ‘docilizado’ pelo dominador inglês .

CAPÍTULO 1

O Imperialismo Inglês: Certas reflexões sobre língua, cultura e literatura

Entre 1815 e 1939 o império Europeu tornou-se a mais forte potência, pois foi mediante a expansão de sua indústria, comércio, finanças e da capacidade bélica que conseguiu ampliar seu poder. O termo “Imperialismo” surge na “Era de Impérios” analisado pelo historiador Eric Hobsbawn (2002) ao afirmar que no final do século XIX que alguns países do norte da Europa dominaram quase oitenta por cento do território do globo. A Inglaterra foi a que concentrou mais da metade de terras neste período.

Para Doyle (1993) o império é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Portanto, pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. “O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império” (DOYLE, 1993, p.8).

Percebermos que uma das características fundamentais do imperialismo é a relação assimétrica entre a potência imperial e os seus territórios dominados, visto que a potência imperial pode controlar aspectos do comportamento da sua colônia para o próprio interesse e não existe reciprocidade na influência exercida.

Para Said (1995, p.177-178) desde o final do século XIX, o imperialismo funciona em formas culturais baseadas na ideia geral da necessidade de subordinação e vitimização do nativo ou do “outro”. Dentre os seus modos, um deles é o prazer no uso do poder, particularmente o poder de observar e controlar. O segundo consiste no princípio ideológico de reduzir e posteriormente, reconstruir o nativo como indivíduo a ser regido e governado. O terceiro modo seria a difusão da ideia de redenção por meio da missão civilizadora ocidental libertadora.

Como ponto fundamental dessas práticas, Said (1995) aponta que, em geral, a violência perpetrada pelas práticas imperialistas não é percebida, de modo que não podem ser observadas as mazelas e consequências de seu poder. E finalmente, deve-se notar o processo pelo qual a história dos nativos é reescrita em função de uma classe dominante que utiliza uma narrativa para dispersar outras memórias e ocultar o seu próprio poder, tendo o enfoque de tratar a dominação como necessidade “histórica inelutável”. (SAID, 1995, p.46)

Sabe-se que pela via dos estudos e discursos europeus sobre a Índia, a África, Extremo Oriente e Caribe, “[...] na tentativa geral de dominar povos e terras distantes, e, portanto,

relacionados com as descrições orientalistas do mundo islâmico [...]” (SAID, 2005, p. 11). Said (2005) aponta sobre a profunda relação entre cultura e império.

No livro *Orientalismo* Said (2005) discute sobre os estereótipos construídos pelo colonizador, transformando os colonizados em bárbaros, primitivos, irresponsáveis e selvagens. Este é o modo de justificar a ‘tarefa’ europeia de trazer “civilização aos nativos, pois, para os colonos é somente está a forma que é encontrada, por meio da força e da violência para os colonizar”.(LEVI, 1951, p.77).

Neste caso o principal objetivo na disputa do imperialismo, evidentemente, está na terra e principalmente quem possuía a terra e quem tinha o direito de habitar e trabalhar nela. Com isso as próprias nações fazem suas narrativas, ou seja, aquele que está narrando é o que exerce o poder a fim de impedir que se formem outras narrativas existindo apenas um protagonista, o colonizador.

Segundo o crítico Homi K. Bhabha³ (1998) em “Local da cultura” publicado em 1994 em Londres, sua obra contribui de maneira crítica pois além de ser um projeto pós-colonial o autor traz reflexões sobre o discurso colonial. Bhabha (1998) aborda um lugar de onde se pode falar e menciona que o pós- colonialismo pretende ser um contradiscurso daqueles que foram objeto da dominação colonial e que se elabora no exílio, ou seja, no coração da metrópole.

O crítico Bhabha (1998) dá foco em seus textos em detrimento de todas as outras ordens de realidade que materializaram e que reproduziram o colonialismo.

O autor singulariza a cultura como o lugar por excelência da resistência aos discursos hegemônicos. Este ressalta como ocorre a construção do discurso de poder que garante a dominação e superioridade de um povo sobre outro. Bhabha (1998) propõe uma nova forma de pensar a nação, privilegiando suas relações, seus conflitos sociais, suas minorias, seus grupos excluídos.

Bhabha (1998) também discorre sobre o conceito de diversidade cultural e diferença cultural, preferindo a utilização desse último termo para o tratamento das questões ligadas a cultura. Segundo ele, a diversidade cultural abrange um universo de coisas, enquanto a diferença cultural representa melhor os enunciados que são criados para promover a legitimação de determinadas culturas em relação a outras.

³ BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 269. Daí a relação que Bhabha estabelece, no *Local da Cultura*, entre o seu pensamento e o do Grupo de Estudos Subalternos do Sul da Ásia, liderado pelo historiador indiano Ranajit Guha. 22 Idem, *ibidem*, pp. 98-100. 23 GATES Jr, Henry. “Critical fanonism. *Critical Inquiry*, 17, 1991, pp. 457-70. *Revista Crítica Histórica* Ano III, Nº 5, Julho/2012 ISSN 2177-9961.

Quando se fala em poder remetemos a conquista de território, mas há questão da língua e da cultura. A relação língua e culturas está intimamente interligadas que há nações na busca infundável por dominação político, econômico e social que emprega violentamente sua língua sobre os demais conquistadores, hoje consideradas nações periféricas. Com isso Lacoste (2005) menciona que estas práticas não são recentes “há séculos, a difusão de uma língua em determinados territórios, em detrimento das línguas que até então eram faladas ali, traduz rivalidades de poderes nesses territórios” (LACOSTE, 2005, p.7). Sendo assim, conhecer o passado das nações colonizadas é fundamental para questionar as relações de força, que incentivam estes povos.

Descrever um fato histórico nem sempre foi fácil de ser realizado. Os grupos de nações dominantes impõem sua versão da história. Criam discursos hegemônicos em que há espaços de confinamento e subalternidade para os dominadores e a reprodução de uma única história unilateral é mantida pela corrente ocidental. A língua inglesa por exemplo, atualmente é língua franca e encaixa muito bem nesta perspectiva de discussão de línguas dominadoras há séculos.

Permeando brevemente pela história das línguas, na idade média a primeira pertencia aos eruditos, a língua oficial da Igreja; a segunda, era da língua da monarquia e da nobreza. Apenas no início da era moderna, por volta de 1500, esse fato começou a mudar com as publicações das obras William Shakespeare que por meio de sua linguagem literária contribuiu para o avanço linguístico da língua inglesa, progredindo do inglês médio para o inglês moderno que se expandiu pela Inglaterra, suas colônias e os países que mantinham relações mercadológicas.

O processo de colonização pela história remete que as terras foram divididos em dois momentos: a colonização da América no século XVI e da África no final do século XIX. Sabe-se que a colonização de modo geral não ocorreu de forma pacífica e com resistência geraram muitas guerras e conflitos. Podemos ver na peça *The Tempest* (A Tempestade) de William Shakespeare escrita em 1612, evidências do pulsar da opressão do branco civilizado adentrando na ilha de Caliban e este sendo obrigado a aprender a língua de Próspero, extinguindo o povo e sua língua nativa. Nesta vertente a concepção de língua moderna “a língua materna do colonizado, aquela que é alimentada com suas sensações, suas paixões e seus sonhos, aquela em que se liberam ternura e seus espantos, aquela, enfim, que envolve para ele a maior carga afetiva, é precisamente a menos valorizada”. (MEMMI, 2007, p. 148).

Na concepção de Prospero, Caliban não tinha uma língua por isso foi obrigado a aprender a do conquistador, e muito menos uma cultura, pois era considerado um ser selvagem, um ser diferente e estranho.

De acordo com linguista Rajagopalan (2009) não existe língua pura ou conceitos puros. As línguas são híbridas, porém, ele ao pensar sobre esses conceitos a partir da dimensão sócio-histórica e da transformação no tempo explica que a partir do século passado a língua esteve diretamente atrelada ao povo, nação e país. Ele menciona que se a língua tornasse uma grande bandeira de luta a palavra de ordem seria "uma nação, uma língua" (RAJAGOPALAN, 2009, p.41) que em outras palavras, falar sobre identidade nacional hoje seria inevitavelmente falar em identidade linguística.

No que refere-se a imposição de uma determinado idioma, Rajagopalan (2009) relata que a língua inglesa foi imposta para muitos indianos e inclusive para ele como "um verdadeiro espinho atravessado na garganta" (RAJAGOPALAN, 2009, p.42) e Wa Thiongo (1986) que segue nesta vertente em seu livro *Decolonizando a mente*, configura o colonialismo cultural ou mental referindo-se a forte influência da língua inglesa nas vidas dos africanos, afastando-os de suas línguas maternas e de suas culturas locais.

Sabe-se que vários países africanos, ex-colônias inglesas, foram fortemente alvejados pela cultura britânica durante o período entre 1885 e 1960. Como exemplo a independência nacional do Quênia ocorrido em 1963 que deixou a colônia no dilema entre que língua instituir como língua nacional e que formas de resgate para manter a língua materna de cada etnia/comunidade. De acordo com Appiah (2001) a escolha de qualquer língua nativa seria privilegiar um dos vários grupos que compunham o território da ex-colônia. Sob esta perspectiva, a continuidade da língua inglesa foi o caminho escolhido para tentar instituir uma identidade nacional queniana.

Wa Thiongo (1986, p. 7 apud Achebe 1974) traz um questionamento como "é correto que um homem deva abandonar sua língua materna pela de outrem?" E ele responde que para essa pergunta não há uma afirmativa ou negativa, mas que é controverso por despertar conflitos, e assim, ele menciona não assumir sua língua nativa no campo literário:

Isto é como uma terrível traição e produz um sentimento de culpa. Mas para mim não há outra escolha. Foi-me dada uma língua e eu pretendo usá-la. [...] Eu sinto que a língua inglesa será capaz de suportar o peso da minha experiência africana. Mas ela terá de ser um novo inglês, ainda em comunhão com sua casa ancestral, mas alterada, a fim de se adequar às novas vizinhanças africanas. (ACHEBE apud WA THIONGO, p. 7-8)

Dessa forma, a língua do opressor tem o propósito de dominar os habitantes nativos e com isso, garantir ao colonizador que esteja no controle, além disso sabe-se que “a dominação do povo através das línguas das nações colonizadoras era crucial para a dominação do universo mental do colonizado” (WA THIONGO, 1986, p.16).

Os estudos Pós-coloniais são produzidos por autores que presenciaram nações colonizadas tais como Índia, Ásia, África, Caribe e América. Esta ciência investiga os efeitos políticos, sociais principalmente os identitários que os continentes e países colonizados sofreram no processo de colonização, as lutas pela independência e os ocasionados pela descolonização.

Por meio da Literatura, conhecemos os impactos dos emaranhados culturais herdados da matriz colonizadora. Neste caso, as narrativas pós-coloniais perpassam estas construções de ‘novo valores’ para criar a identidade do sujeito, minimizando as cargas violentas desses dolorosos processos civilizatórios das nações imperialistas.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO O PERCURSO DA PESQUISA

Em se tratando das correntes teóricas da decolonialidade, Mignolo (2003, p. 52) aponta que “os pensamentos decoloniais ou o pensamento fronteiriço, desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da modernidade, mas que não pode tampouco subjugar-se a ele” ou seja o pensamento fronteiriço é aquele que foi negado pelo pensamento da modernidade seja esquerda ou progressista. O termo fronteiriço nos remete à percepção de como há formas discursivas de introjetar para o outro a unilateralidade da história de construção de nações conquistadas para atuarem como mantenedoras das matrizes dominantes.

No presente trabalho o objetivo geral é analisar os pensamentos, os discursos e as atitudes decoloniais presentes no personagem Caliban. Tal assunto sobre decolonizar o pensamento do ser, traz a problematização das formas de hierarquização de poder que houve a negação do direito de manter a cultura do nativo da ilha. Logo, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico que permeia pela crítica dos estudos pós-coloniais da literatura. De acordo com Chizotti (1998) a pesquisa qualitativa permite.

Uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”, isso porque “O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos atribuindo-lhes um significado.(CHIZOTTI, 1998, p.83)

A pesquisa qualitativa identifica e analisa dados que não podem ser mensurados, tais como: observação e análise de sentimentos, percepções, intenções e comportamentos. Porque é tratar de uma maneira o campo em que o sujeito é o cerne das motivações discursivas sociais. Nas visões de Gil (2002, p.44) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos” o que torna evidente a diferença de outras pesquisas com relação a temática.

Sendo assim, a estrutura do trabalho está dividida em três capítulos. O primeiro intitulado **O Imperialismo Inglês: Certas reflexões sobre língua, cultura e literatura** na perspectiva de Edward Said (1995), Homi Bhabha (1998) e Rajagopalan (2005) que exploram a situação do sujeito ‘dominado’ pela língua imperialista inglesa; O segundo capítulo aborda os

procedimentos metodológicos utilizados para estruturar a pesquisa, e o último capítulo *The great turned* : (re)viravoltas de Caliban utiliza a obra (*The Tempest 1669*) dando enfoque nas relações discursivas dos personagens Caliban e Prospero no qual os pensamentos decoloniais do sujeito que até então se encontrava ‘docilizado’ pelo dominador inglês passa a integrar um outro espaço de fala e de atuação.

Para Gil (2007, p. 44), “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.” Logo, um trabalho bibliográfico é fazer um levantamento de referências teóricas já analisadas e que foram publicadas através de livros, artigos científicos e revistas.

Para a análise literária foi elencada duas versões da mesma obra, uma produzida em língua portuguesa⁴ e outra língua inglesa ambas analisadas e associadas concomitantemente ao objetivo geral da pesquisa atrelada ao pensamento da corrente do Giro Decolonial.

Neste caso, optamos por utilizar no corpus a obra literária escrita no idioma original uma vez que tradução na maioria das vezes, pode ocasionar certas trocas de sentido/significado. Alguns pós-estruturalistas defendem que não há fidelidade a uma obra original e à interpretação que dela se faz e à concepção que se tem do processo e produto tradutório. Para esses estudiosos, segundo Paulo Britto (2006), os textos não possuem significados estáveis logo,

Os textos não possuem significados estáveis que correspondam a intenções que seus autores tivessem em mente ao escrevê-los (se é que os autores têm controle total sobre suas intenções); só temos acesso a nossas próprias leituras dos textos. Assim, quando dizemos que uma dada tradução é fiel ao original, estamos dizendo apenas que nossa leitura dessa tradução é fiel à nossa leitura do original; nada podemos afirmar sobre os textos em si (BRITTO 2006, p.239)

Rosemary Arrojo (2005 p. 44), por exemplo, defende que tradutores, leitores e, conseqüentemente, críticos são fiéis não ao texto “original”, mas àquilo que acreditam ser o original e a sua concepção de tradução, ou seja, isso depende muito da interpretação e análise que o tradutor faz a respeito de uma obra, artigo ou revista. Segundo Munday (2008) É importante seguir a originalidade da obra pois não há nela interferências linguísticas, literária, e muito menos a “voz” que o tradutor dá ao texto ao traduzir. Por isso, pensamos em manter no corpus os excertos originais da peça *The Tempest* e utilizamos como nota explicativa a versão em língua portuguesa e outra a tradução livre.

⁴ SHAKESPEARE W. A Tempestade (1623) Ed. Ridendo Castigat Mores (1947-2002)

Desde então, as formas de abordagens qualitativa e bibliográfica na análise dos pensamentos e atitudes do personagem Caliban também exigirá uma acuidade interpretativa, hermenêutica tendo como base teórica os elementos decoloniais que compõem esse personagem e como ao longo da peça não se permite ser o sujeito totalmente docilizado, domesticado por Caliban e alienado pelo seu senhor.

CAPÍTULO 3

The great turn: (re)viravoltas de Caliban

De início estudaremos no texto fonte *The tempest* (1669) escrito por William Shakespeare em 1611, que contém cinco atos que acontecem em um navio e em uma ilha isolada. É importante ressaltar que esta peça foi escrita para alguns personagens em prosa e para outros personagens em versos.

Iniciamos este capítulo pontuando através dos personagens Próspero e Caliban decorrido do enredo sequencialmente à elucidação dos fatos e ações em conformidade com análises e suas prerrogativas endossadas pela teoria do Giro Decolonial.

No ato I há forte tempestade e um navio enfrenta-a. Este navio traz Ariel, Alonso, seu filho Ferdinand, Miranda filha de Prospero, alguns outros tripulantes e Caliban que habitava a ilha do caribe. Na segunda cena deste ato, Próspero chama Ariel, seu fiel escravo, para procurar as pessoas do barco e ver como elas estavam após as inúmeras ondas enfrentadas devido a tempestade. Neste momento ⁵Ariel pede por sua liberdade:

ARIEL — Mais fadigas? Já que novos trabalhos me destinas, permite que te lembre uma promessa que ainda não cumpriste. (MORES,2002, p.14)

Ariel deseja ter sua liberdade, por isso lembra seu senhor quanto antes. Porém, Prospero não o libertará devido as inúmeras obrigações a serem executadas sob o comando do mestre e provavelmente não lembraria. Próspero descreve o nascimento de Caliban, filho da bruxa Sycorax utilizando termos carregados de sentidos discriminatórios, uma espécie de discurso condenatório para este caribenho.

PRÓSPERO — Por grávida encontrar-se, essa megera de olhos azuis foi para cá trazida e abandonada pelos marinheiros. Tu, meu escravo, como te nomeias, eras, então, seu criado. Mas por seres um espírito muito delicado para suas ordens por demais terrenas e repugnantes, não te submetias a quanto ela ordenava, razão clara de te haver ela, ouvindo o imperativo de seu furor imenso e com o auxílio de seus ministros de poder mais forte, fechado numa fenda de pinheiro. Nessa racha de tronco, atormentado, uns doze anos ficaste, no qual tempo veio a morrer a amaldiçoada bruxa, na prisão te deixando, onde soltavas gemidos tão frequentes como as rodas do moinho em seu girar. Então, esta ilha — se excetuarmos o filho que ela teve, um mostrengo manchado — forma humana nenhuma a enobrecia. (MORES, 2002, p. 15)

⁵ Is there more toy!? since thou dost give me pains, let me remember thee what thou hast promis'd, which is not yet perform'd me.(p.16)

Para Próspero, Caliban não é visto como um ser humano um ser dotado de sentimentos e razão. Na verdade, para ele era um animal, um nativo selvagem. Próspero acreditava que Caliban não tinha cultura, nem língua porque este ser não compreendia e não era falante da língua do rei. Seu plano estratégico era colonizá-lo para assim, dar ordens e fazê-lo obedecer. A forma que Próspero consegue extrair o que tanto almeja, dominar Caliban, é através do emprego da força autoritária, da violência física e psicológica. Percebemos que o discurso colonial se concentra na construção do colonizado como inferior, medíocre e repugnante. “[..] um monstrengo manchado — forma humana nenhuma a enobrecida.”(p.15) Por esta perspectiva, podemos observar que a figura do colonizador é aquela carregada de civilidade e sobre outro, ignorando completamente as atribuições de humano, visto como objeto.

Segundo Memmi (2007) ao impor sua língua, o colonizador coloca-o em constante posição de inferioridade e submissão, minando-lhe a autoestima, negando-lhe usufruir de direitos universais como a liberdade. Ao mantê-lo cativo em sua própria terra, em “estado de subumanidade” (MEMMI, 2007, p. 280).

Ainda sobre a cena do ato I podemos perceber dos temas centrais na peça: a figura do europeu chegando em ‘nova terras’ e civilizando os nativos selvagens. Ao pisar em um lugar exótico, diferente e desconhecido pela civilização o embate inaugurar os desafios da compreensão da língua que circula este atraente ambiente e seus habitantes.

A luta contra o conquistador, a língua ocupa lugar de destaque. Próspero ensina-o a falar, porém para Caliban a língua serve para impor-se ou resistir às ordens do dito civilizado. Veja a fala de Caliban⁷ :

CALIBÃ — A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem. (MORES, 2002, p.17)

Caliban aprende a língua de Próspero para rebelar-se contra aquilo que está sendo construído imposto, como ele revela: “a falar me ensinaste, em verdade. Minha vantagem nisso é ter ficado sabendo como amaldiçoar”. (SHAKESPEARE, 1999 p.44). Aprender a língua do seu senhor, para Caliban significa auto empoderar-se e amaldiçoá-lo como manifestação de um

PROSPERO- This blew-ey'd Hag was hither brought with child, And here was left by th' Saylor, thou, my slave, As thou report'st thy self, wast then her servant, And 'cause thou wast a spirit too delicate To act her earthy and abhorr'd commands; Refusing her grand Hests, she did confine thee, By help of her more potent Ministers, (In her unmitigable rage) into a cloven Pine, Within whose rist imprison'd, thou didst painfully Remain a dozen years; within which space she dy'd, And left thee there; where thou didst vent thy Groans, as fast as Mill-wheels strike. Then was this Isle (save for two Brats, which she did Litter here, the brutish Caliban, and his twin Sister, Two freckel'd-hag-born Whelps) not honour'd with A humane shape. (DRYDEN AND DEVENANT p.18)

⁷ CALIBAN: You taught me language, and my profit by it is, that I know to curse: the red botch rid you for learning me your language (DRYDEN AND DEVENANT p.21)

ato de libertação do ser, logo, a decolonização do sujeito como é evidenciado por Quijano (2013) é posta em destaque quando reafirma Caliban — “a falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem (MORES 2002 p.17)”

No fluir do enredo da peça, há um outro personagem que está em condição semelhantes de subordinação aos comandos de Próspero chamado Ariel. Ele também é escravo e um espírito que pode se transformar em ar, água e fogo, porém há certas diferenças de como Prospero trata ⁸Ariel e Caliban veja:

PRÓSPERO — Meu bravo espírito! Quem terá sido tão constante e firme que a razão não pendesse em tal revolta? (Mores,2002, p.13)

PRÓSPERO — Sacode -o. Vamos ver o meu escravo Calibã, que só tem palavras duras para minhas perguntas (Mores, 2002, p.16)

A forma diferenciada de tratamento entre Ariel e Caliban é percebida pelo emprego dos adjetivos que qualificam um servo ‘brave spirit’ e condena o outro, neste caso, “my slave” para Caliban.

Quando observamos o adjetivo ‘brave’ na fala de Próspero direcionada à Ariel, além de proporcionar diante de todos os ouvintes um certo status de prestígio, há em contrapartida, o interesse que cerca e move as razões para que tais qualificações continuam presentes no discurso do colonizador.

Ariel é uma espécie de criatura mística, um espírito dotado de poderes, estes, são equivalentes a composição do universo – ar, água, fogo, vento, terra – capaz de altear e (trans) formar a realidade do ambiente. Logo, vemos o quão ‘precioso’ é aos olhos daquele que almeja estar com todo o controle da ilha, – o europeu – que neste caso, representa uma grande nação e quer dominar grandes continentes – o mundo.

Próspero detinha-o para que seus objetivos pudessem ser alcançados, de certa forma com rapidez, agilidade e genialidade. Afinal, Ariel não se tratava de qualquer servo, havia magia nele. E sob esta relação há somente vantagens discursivas, palavras articuladamente empregadas para que os interesses vivos e operantes de ambas as partes. Para o sociólogo peruano, Quijano (2013) “a Colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do

⁸ Ariel um espírito dotado de poderes, – ar, água, fogo, vento, terra.

PROSPERO: May brave Spirit! Who was so firm, so constant, that this coil did not infect his Reason?(DRYDEN AND DEVENANT p.15)

PROSPERO Shake it off; come on, I’le now call Caliban, my slave, Who never yields us a kind answer.(DRYDEN AND DEVENANT p.19)

padrão mundial de poder capitalista”, (QUIJANO,2013, p.41) que incorpora os critérios de base “racial”/étnica, cujo berço foi a colonização das Américas.

[...] o poder, nesta perspectiva, é uma malha de relações de exploração/dominação/conflito que se configuram entre as pessoas na disputa pelo controle do trabalho, da “natureza”, do sexo, da subjetividade e da autoridade. Portanto, o poder não se reduz às “relações de produção”, nem à “ordem e autoridade”, separadas ou juntas. E a classificação social refere-se aos lugares e aos papéis das gentes no controle do trabalho dos seus recursos (incluindo os da “natureza”) e seus produtos; do sexo e seus produtos; da subjetividade e dos seus produtos (antes de tudo o imaginário e o conhecimento); e da autoridade, dos recursos e dos seus produtos (QUIJANO, 2013, p. 46).

Todavia, Caliban era o oposto do outro servo. Relembrando que ao chegar na ilha - não nomeada- Próspero encontra-o sozinho, pois sua mãe Sycorax - uma bruxa de olhos azuis – havia morrido. Como era ainda pequeno e necessitava de instrução na sua língua Próspero passou a ensiná-lo a nomear às coisas e através delas compreender seus sentidos e suas funções.

Os diversos tempos ao mesmo tempo, os corpos em suas múltiplas interações, emblemas cambiantes, fragmentados, contraditórios, que respondam também por identidades contraditórias, constituídas num mundo de mesclagem cultural, linguística, onde as correntes migratórias e os movimentos sociais procuram (sic) definir outras relações, inclusive de poder.(RAJAGOPALAN, 2006, p. 25)

A relação de mestre e aprendiz, era mais uma vez, a estratégia de manter do lado do opressor ‘armas eficaz’ para os pedidos sórdidos que encabeçavam a disputa por terras e poderes. Caliban encaixava-se perfeitamente por possuir as atribuições de ‘escravo’ nativo, conhecedor das profundezas daquela terra, destemido e forte o bastante por ser filho de bruxa, ter fenótipos humanoides e animais. Logo, este servo que na adolescência foi batizado pelos ensinamentos do civilizado homem branco, que maduro suficiente poderá subverter seus comandos opressores e resgatar para si o domínio de seu lar sob o mesmo viés que os ‘uniram’: a língua.

Desde então, qualquer pessoa deverá poder declarar sob juramento: eu não tenho senão uma língua e ela não é minha, a minha própria língua é me uma língua inassimilável. A minha língua, a única que me ouço falar e me ouço a falar, é a língua do outro (DERRIDA, 2001a, p.39).

O **segundo ato** começa em um outro lugar da ilha. Os membros da tripulação Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco estão perdidos nesse lugar. Gonzalo inicia um diálogo com Alonso relatando e diz que mesmo perdendo tudo na tempestade Gonzalo fica alegre por estar a salvo na ilha. Já Alonso se recorda de seu filho, o herdeiro de Milão Ferdinando, e logo fica triste achando que ele morreu afogado. Em seguida Ariel aparece invisível e ao som de música ele faz todos dormirem profundamente.

Na segunda cena do ato II, Caliban amaldiçoa Miranda e Próspero enquanto carrega madeira. Neste mesmo instante surge Trinculo e por esta razão, Próspero envia espíritos de Tormentos para seu servo.⁹ Caliban rapidamente se esconde em seu casaco para que os males não afetem e Trinculo encontra-o e tem a seguinte percepção:

— Olá! Que temos aqui? E homem ou peixe? Está vivo ou morto? É peixe; o cheiro é de peixe, esse velho cheiro de ranço, que lembra muito a peixe, no jeito de bacalhau meio passado. Mas, que peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra — como já me aconteceu de outra feita — e fosse dono deste peixe pelo menos em pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem. Naquela terra não há animal estranho que não faça homens. Não dão um ceitel para auxiliar um aleijado, mas darão dez para ver um índio morto. As pernas são como as de gente; as barbatanas parecem braços .. E está quente, por minha fé! Abandono minha primeira ideia; não é peixe, mas um insulano que a trovoadas derrubou. (trovões.) Ai de mim! Recomeça a tempestade. O melhor que tenho a fazer é ficar debaixo do manto dele; em toda a redondeza não há outro abrigo. A necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito. Vou esconder-me aqui, até que passe a borra da tempestade. (MORES, 2002, p.34)

Conforme evidenciamos pelo discurso de Trinculo, o sujeito diferente tornou-se exótico e atraente para os demais civilizados que neste caso são os cidadãos ingleses “ se eu estivesse agora na Inglaterra (..) e fosse dono deste (..) este monstro me deixaria homem” (MORES, 2002, p.34). O exibicionismo é lucrativo e representa também formas de subjugação do outro, por colocá-lo numa situação de objeto.

Chegando à Cidade-Luz, Josephine Baker respirou o ar de maior tolerância racial e, quase que incrédula, não sentiu saudades dos Estados Unidos. A jovem sorridente e de olhos esbugalhados explodia no palco com uma energia vulcânica. Mexendo com as emoções e explorando suas habilidades pantomímicas, fazia caretas, contorcia-se, remexia-se e gingava freneticamente, de um lado para o outro. [...] ao som sincopado e pulsante do jazz, do Back Bottom e do Charleston – a mais nova sensação musical do momento (Hobsbawm, 1990). Elétrica e espalhafatosa, notabilizava-se pela espontaneidade, expressividade e alegria contagiante. Baker era, em uma só palavra, instintiva. Ao vê-la em cena, as plateias francesas ficavam em estado de excitação, convictas de que estavam diante de algo novo, inusitado, insólito, porém fascinante e hipnotizador. (DOMINGUES, 2010, p.99)

O terceiro ato acontece em frente à casa de Próspero, na qual Ferdinand está ajudando a carregar seus pertences e Miranda decide ajudar também. Próspero percebe que seu plano de formar o casal está saindo conforme o planejado.

Enquanto Próspero está em sua casa com sua filha Miranda e Ferdinand do outro lado da ilha Próspero encontra Caliban instruindo Stephano num plano de usurpar o ‘trono’ da ilha

⁹ Trinculo: What have we here? A man or a fish? Dead or alive? A fish. He smells like a fish; a very ancient and fish-like smell; a kind of, not of the newest Poor-John. A strange fish! Were I in England now, as once I was, and had but this fish painted, not a holiday fool there but would give a piece of silver; there would this monster make a man. Any strange beast there makes a man. When they will not give a doit to relieve a lame beggar, they will lay out ten to see a dead Indian. Legged like a man! And his fins like arms! Warm o’ my troth! I do now let loose my opinion, hold it no longer: this is no fish, but an islander, that hath lately suffered by a thunderbolt (DRYDEN AND DEVENANT p. 20).

matando Próspero. Trinculo discorda dos planos do nativo e chama-o de monstro. “(...) Mas, primeiro, é preciso que te lembres de lhe tomar os livros, pois, sem eles, é um palerma como eu ”(MORES, 2002, p. 44) este é o raciocínio de¹⁰Caliban arguindo Stephano do que deveria fazer primeiro ao chegar na residência de Próspero.

Observamos que a estratégia de Caliban é retirar algo que dá poder para o rei, o livro. Lugar onde há registros de conhecimentos antigos, receitas milenares, instruções preciosas de magia com poderosos ensinamentos. Este nativo sabia que ao separar de Próspero seu pilar fundamental - o livro – fragmentaria suas formas de estabelecer controle sobre ele e todos os habitantes da ilha. E o segundo passo, dar cabo ao conquistador, pois há o desejo de reviravoltas: “todos, como eu, lhe têm ódio entranhado” (MORES, 2002, p. 45)

Spivak (1995) refere-se à violência epistêmica, cuja tática de neutralização do Outro é qualificar este sujeito como subalterno e colonizado. Isso consiste em invisibilizá-lo, expropriando-o de suas origens, de sua traição, desprovido-o de qualquer possibilidade de representação autônoma de si, silenciando-o. Este silêncio, que por muitos é “relegado a uma posição secundária [...] como resto de linguagem” (ORLANDI, 2002, p. 12) para Spivak (1995) configurar-se em extinção.

Para Bonnici (2009) o termo subalterno é usado para descrever o colonizado-objeto. Esse termo foi usado primeiramente na obra de Antônio Gramsci (1891-1937) intitulada *Note sulla storia italiana* (1935) e “refere-se as pessoas na sociedade que são o objeto da hegemonia das classes dominantes” (BONNICI, 2009, p. 265).

A partir deste pensamento, entendemos que é importante para qualquer indivíduo ter uma identidade e liberdade para pensar e falar por si próprio, “¹¹a questão do sujeito e da subjetividade afeta diretamente as percepções das identidades dos povos colonizados e suas capacidades para resistir às condições de sua dominação, sua "sujeição" (SPIVAK 1995 p.219)

No **quarto ato** em frente à casa do mestre está sua filha Miranda e Ferdinand. Próspero fala para Ariel¹² preparar uma cerimônia. Mais tarde, Caliban, Trinculo e Stephano ao chegar neste mesmo local encontram algumas roupas e vestem. Inesperadamente, alguns espíritos chegam, conduzidos por Próspero aparecem e levam Caliban, Trinculo e Stephano.

¹⁰ / First to possess his books; for without them / He's but a sot, as I am, nor hath not. (DRYDEN AND DEVENANT p.80).

The question of the subject and subjectivity directly affects colonized peoples' perceptions of their identities and their capacities to resist the conditions of their domination, their 'subjection' (SPIVAK 1995 p. 219).

¹² Ariel (Como seu nome é hebraico e indica “leão do senhor” este fiel servo conta o seu plano de vingança de Caliban.

No desfecho do ato final, Prospero pede a Ariel para libertar o rei e os outros. Neste momento, desiste de sua magia jogando seus livros ao mar e diz que voltará para Milan e não será o senhor daquela ilha. Sua filha Miranda e Ferdinand são abençoados por Alonso. Prospero confirma com Ariel sobre os preparativos de retorno, pede que libertem Caliban, Trinculo e Stephano. E¹³ Antônio sendo um europeu idealiza o quão proveitoso e rentável este servo que poderia ser :

ANTÔNIO — Decerto poderemos; uma delas é puro peixe e, sem nenhuma dúvida, vendável no mercado. (MORES, 2002, p.65)

Antônio via Caliban como uma mercadoria e desejava-o a fim de obter vantagem. No que se refere a Caliban podemos perceber que ele se libertou do jugo da colonialidade imposta pelo colonizador, Prospero. Suas atitudes e pensamentos são decoloniais no instante que ele se recusa as ordens do seu senhor, ele busca a emancipação absoluta dos tipos de opressão e dominação. Para Mignolo o pensamento decolonial é;

O pensamento decolonial, desta forma, é um pensamento de fronteira, a partir da condição da “subalternidade colonial”. Não se ignora o pensamento moderno, mas não se pode ser subserviente a ele, mesmo que ele seja crítico. A decolonialidade se afirma a partir do espaço em que ela foi negada pela modernidade e suas pretensões críticas (MIGNOLO, 2003, p. 51).

A formulação desse pensamento como fronteiro expressa a resistência “às cinco ideologias da modernidade: cristianismo, liberalismo, marxismo, conservadorismo e colonialismo” (BALLESTRIN, 2013, p. 106). E esse pensamento deve-se recuperar as vozes dos colonizados que ousaram lutar pela descolonização e que foram os primeiros decoloniais. (MIGNOLO (2007, p. 28; 2008, p. 251).

O pensamento decolonial não trata simplesmente de retirar o verniz imposto pela situação colonial, tampouco se refere à emancipação simplesmente em termos políticos e econômicos. Trata-se, dentre todas estas possibilidades, especialmente, de retomar a cultura nativa dentro da sua legitimidade e autenticidade epistêmica, posto que apenas retirar o verniz imposto pelo colonizador resultaria em sociedades vazias, e não um retorno às epistemologias originárias dos povos subalternos.

¹³ Antonio: Very like. One of them / Is a plain fish, and, no doubt, marketable (DRYDEN AND DEVENANT p. 260).

No que se refere ao final do quinto ato, o encerramento¹⁴ se dá seguinte maneira¹⁵ :

PRÓSPERO — E tão disforme nos costumes como no feitio exterior. Ide, maroto, já para minha cela, acompanhado de vossos dois amigos. Se quiserdes ser perdoado, arrumai-a com bem zelo .(MORES, 2002,p.65)

CALIBÃ — É o que farei; e de ora avante quero mostrar-me mais razoável e obter graça. Mas que asno reforçado eu fui, tomando por um deus este bêbado e inclinandome diante deste imbecil! .(MORES, 2002,p.65)

Observando a fala de Caliban apresenta-se arrependido e pensativo, pois não há formas de servir ao mestre sem ser explorado, abusado e condenado ao fardo senhoril. É nesta situação que mais uma vez sua mente liberta-se das amarras da Colonialidade pois ele almeja ser “ mais razoável e obter graça”(MORES 2002, p.65).

Assim que o triunfo de Caliban de atingir sua desconstrução de pensamento servil, esboça seu ápice na decolonialidade nos instantes em que se manifesta contra estas práticas dominadoras e hegemônicas por meio dos mesmos códigos linguísticos empregados pelo colonizador.

¹⁴ PROSPERO TO CALIBAN Go Sirrah to my Cell, and as you hope for Pardon, trim it up.(DRYDEN AND DEVENANT p.126)

CALIBAN Most carefully. I will be wise hereafter. What a dull fool was I to take those Drunkards For Gods, when such as these were in the world (DRYDEN AND DEVENANT p.126)

¹⁵ PROSPERO: When the morn draws I'll bring you to your Ship, And promise you calm Seas and happy Gales. My Ariel, that's thy charge: then to the Elements Be free, and fare thee well.(DRYDEN AND DEVENANT p.127)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos os pensamentos os discursos e as atitudes decoloniais do personagem Caliban na obra *The Tempest* (1610) escrito por William Shakespeare (1564-1616).

O corpus do trabalho é constituído das leituras do livro Shakespeariano uma em versão portuguesa e outra em língua inglesa que foram analisados os enxertos dos atos da peça sob a luz da teoria decolonial e dos estudos pós coloniais. Tendo como a sustentação a teoria do Giro Decolonial e Estudos pós- coloniais.

Vimos que o ápice da vertente da análise é quando Caliban aprende a língua dominadora, neste caso, o inglês. Seu corpo foi utilizado como ferramenta de exploração que geraram conquistas para o homem branco europeu representado por Prospero. No entanto a mente de Caliban não foi de fato colonizada, nem dominada, pois em diversos momentos da peça Caliban rebelava-se discursivamente na própria língua do conquistador e arquitetava um plano de vingança para reaver sua terra: queimar os livros (palavras dominadoras) e assassinar seu opressor.

Esta pesquisa trouxe pontos relevantes para refletimos certas formas de gestão em nossa nação. Vale ressaltar, que os estudos decoloniais e pós-coloniais contribuem para que o cidadão, o estudante e qualquer interessado possa expandir sua percepção crítica acerca das estratégias políticas dominadoras presentes nos discursos da modernidade e que nos conduz romanticamente numa fábula de civilização.

É imprescindível mencionar que certas práticas hegemônicas estão presentes também no currículo universitário e que por meio da literatura decolonial, em especial, refiro-me aos docentes do nosso curso de Letras, repensem suas práxis em suas disciplinas, porque é preciso ter acesso a estas discussões que para mim ampliaram minhas formas de compreensão com relação as formas que a cultura e a língua inglesa podem ainda manifestar dominação e controle em diversos aspectos sociopolítico econômica.

Referências

ACHEBE, C. *Arrow of God*. New York: Anchor Books, 1974.

_____. *A flecha de deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Things fall apart*. New York: Anchor Books, 1994.

_____. *No longer at ease*. New York: Anchor Books, 1994.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. 4 ed. São Paulo: Ática. 2005.

APPIAH, K. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001

BONNICI, Thomas. **O Pós- Colonialismo e a Literatura**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, (2000,p.12)

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. “Remembering Fanon: self, psyche, and the colonial condition. Introduction to Frantz Fanon”. *Black skin, white masks*. London and Sydney: Pluto Press, vii-xxvi, 1986.

_____. “Day by Day... with Frantz Fanon”. In: Alan Read (ed.). *The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation*. Seattle: Bay Press, 1996, pp. 186-205.

BRITTO, Paulo Henriques. **Fidelidade em tradução poética: o caso Donne**. In: *Terceira margem X* (15), p. 239-254, jul/dez. 2006.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. 3. ed. *Petrópolis: Vozes*, 2006.

_____. **A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998

DERRIDA, Jacques. **A Língua não pertence: entrevista com Jacques Derrida**. Tradução não publicada de Carlos Teixeira. [S.l.: s.n.], 2001b.

DOYLE , Michael – “Empires”, Ithaka University Press, citado em Edward Said, **“Culture and Imperialism”**, Chatto and Windus, London(1993,p. 8)

DOMINGUES. Petrônio “Vênus negra”: Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica(2010)

GIL, ANTÔNIO CARLOS, 1946 **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2: Os Intelectuais*. **O Princípio Educativo**. Jornalismo. 4 ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Co-edição de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HOBBSAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra,(1998 p.53)

_____. **E. J. A era dos impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 6.ed, 2002.

- LÉVI-STRAUSS, C. 1951p.77. **Raça e história**. Lisboa : Editorial Presença/Unesco.
- LACOSTE, Y. **Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês**. In: LACOSTE, Y. [org.], RAJAGOPALAN, K. A Geopolítica do Inglês. São Paulo: Parábola, 2005
- LE PAGE, R. B. **Projection, Forcusing and Diffusio**. York Papers in Linguistics, (1980.p53)
- MIGNOLO, Walter (Comp). **Descolonialidad del ser y del saber**. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2006.Vol.1
- _____. MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008a.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. R. Corbvisier e M. Pinto Coelho. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MUNDAY, J. **Style and Ideology in Translation: Latin American writing in English**. London/New York: Routledge, 2008. 280 p.
- MIGNOLO, Walter. Historias locales/disenos globales: **colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal.(2003)
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.
- RAJAGOPALAN, K. **A geopolítica da língua inglesa e seus reflexos no Brasil. Por uma política prudente e propositiva**. In: LACOSTE, Y. [org.] RAJAGOPALAN, K. A Geopolítica do Inglês. São Paulo: Parábola, 2005.
- _____. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). **Língua(gem) e Identidade - Elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2006, p. 21-45.
- SPIVAK, G. C. **Can the subaltern speak?** In: ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H. (org.) *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, pp. 24-28
- SHAKESPEARE'S *The Tempest*, copyright © Chelsea House Publishers 1669, reprinted with permission.
- SHAKESPEARE W. *A Tempestade* (1623) Ed. Ridendo Castigat Mores (1947-2002)
- SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.177-178
- SAID, E. W. 1975. **Beginnings: intentions and method**. Nova York: Basic Books
- _____. 1978. **Orientalismo**. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. 1995. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2003a. Paralelos e paradoxos. São Paulo: Companhia das Letras.

THIONGO'O, N. W. **Decolonizing the Mind**. The politics of language in African literature. Portsmouth: New Hampshire, 1986

TORRES, MALDONADO Nelson (2007). “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”, em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramon (coords.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs14089916.htm> : Acesso em 09 mai. 2019.

https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13432/13432_3.PDF Acesso em 02 Jun. 2019